

A formação virtuosa na escola

Giórgia Andrade Regiani Ferreira Martins

Como citar: MARTINS, G. A. R. F. A formação virtuosa na escola. *In:* CARVALHO, A. B. (org.). **Educação, ética, interculturalidade e saberes decoloniais**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2022. p. 77-98 DOI: <https://doi.org/10.36311/2022.978-65-5954-212-3.p77-98>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

A Formação Virtuosa na Escola

Giórgia Andrade Regiani Ferreira MARTINS¹⁸

Introdução

Este capítulo apresenta parte da dissertação de mestrado, concluída em 2018 na UNESP de Marília. Trata-se de uma pesquisa de base qualitativa que busca problematizar a questão que traz como título e tem a ousada intenção de oferecer contribuições aos educadores que a ela tiverem acesso. O texto tem o objetivo de analisar a relação da escola contemporânea com a formação virtuosa de seus alunos, pretende, através da análise do referencial teórico selecionado, discutir as possibilidades que a escola oferece em seu espaço e tempo, ou poderia oferecer, para a formação humana ética. A escola é viva e é temporal, é espaço em formação assim como é o próprio ser humano; cabe aqui reflexões sobre sua identidade, para que através do pleno uso da razão, tenha clara as suas potencialidades e enxergue, se necessário for, outros modos, diferentes de ações.

O desejo com este trabalho é entender a formação humana, quais vivências são necessárias para o desenvolvimento das virtudes e, especialmente, aquilo que cabe à escola nessa formação. O anseio é

¹⁸ Mestre em Educação pela Faculdade de Filosofia e Ciências, Unesp, Marília. Orientadora Educacional da ETEC Dr. Luiz César Couto – Quatá/SP. E-mail: giorgiaregiani@gmail.com.
<https://doi.org/10.36311/2022.978-65-5954-212-3.p77-98>

compreender que papel é possível à escola para o desenvolvimento de sujeitos éticos. Estas são algumas inquietações que levaram à pesquisa.

A finalidade ao trazer a discussão sobre formação virtuosa na escola é colaborar para manter a ideia de quão grandiosa é a humanidade e importante a escola e da mesma forma mostrar que as relações entre os homens são essenciais, o contato do sujeito com seus outros, seus encontros com os diferentes.

Os conceitos apresentados são frequentemente analisados, estão presentes em trabalhos que refletem a importância do ser humano em sua individualidade e na *polis*, no coletivo. Assim, neste trabalho, conceitos antigos e modernos se encontram, citações de teorias clássicas alicerçaram discursos que visam contribuir para o pensamento e a vida prática na escola.

A Virtude

A pessoa virtuosa é aquela que age racionalmente. Isso é próprio do ser humano, é o que o faz feliz, mas para tanto, é preciso ser educado. O sujeito adquire virtudes e disposição de caráter a comportamentos bons, vive a prática contínua de boas ações até que se tornem hábitos.

Conforme Hooft (2013, p. 07) a palavra virtude vem de *virtus*:

[...] que significa “excelência”, “capacidade” ou “habilidade”. Neste sentido, ter virtude é ter o poder ou a habilidade de realizar alguma coisa. Mais comumente, no inglês moderno, a palavra veio a referir-se a uma disposição ou a um padrão de caráter ou personalidade de alguém que o leva a agir moralmente. Refere-se a traços de caráter que consideramos admiráveis. (HOOFT, 2013, p. 07)

Há um estado de caráter que permite exercer a função humana, o seu ser racional. O caráter se desenvolve através de práticas que geram hábitos, pela constância em comportamentos que não se excedem, capaz da escolha do justo meio.

A virtude é, pois, uma disposição de caráter relacionada com a escolha e consiste em uma mediana, isto é, a mediania relativa a nós, a qual é determinada por um princípio racional próprio do homem dotado de sabedoria prática. E é um meio-termo entre dois vícios, um por excesso e outro por falta; pois que, enquanto os vícios ou vão muito longe ou ficam aquém do que é conveniente no tocante às ações e paixões, a virtude encontra e escolhe o meio-termo. E assim, no que toca à sua substância e à definição que lhe estabelece a essência, a virtude é uma mediana; com referência ao sumo bem e ao mais justo, é, porém, um extremo. (ARISTÓTELES, 1991, *Ética a Nicômaco*, p. 35)

o virtuoso age corretamente, em harmonia com suas paixões, porque ele as dominou de uma vez por todas. Não só aprendeu a agir de modo conveniente, mas, a sentir o pathos adequado. Enquanto eu precisar esforçar-me para resistir ao que minhas paixões trazerem de excesso, ainda não as dominei. Ainda não sou virtuoso [...] (LEBRUN, 2009, p. 20)

A virtude não é gerada naturalmente, mas através da repetição, do hábito, assim o ser humano fica pronto para prática de atos justos. O sujeito se torna virtuoso pelo exercício. É apenas em meio às práticas que a virtude se desenvolve, por intermédio das atividades sociais. Entende-se por prática, então:

[...] qualquer forma coerente e complexa de atividade humana cooperativa socialmente estabelecida, por meio da qual os bens internos e essa forma de atividade são realizados durante a tentativa de

alcançar os padrões de excelência apropriados para tal forma de atividade, e parcialmente dela definidores, tendo como consequência a ampliação sistemática dos poderes humanos para alcançar tal excelência, e dos conceitos humanos dos fins e dos bens envolvidos (GONÇALVES, 2012, p. 85 *apud* MACINTYRE, 2001, p. 316).

Alves (2014), utilizando-se dos conhecimentos de Aristóteles, destaca a educação virtuosa como fundamental para uma vida feliz e a necessidade de exercícios constantes da virtude como o caminho para uma boa vida.

Não é possível o pensamento da ética sem a reflexão sobre as relações humanas. A escola é um campo riquíssimo de encontros, de diálogos e experiências com pessoas diferentes. É um importante lugar para se viver a ética; um lugar de interações coletivas. Um lugar em meio à vida na realidade social que o homem apresenta seu caráter e manifesta a sua índole.

Partindo de questionamentos sobre o que leva o homem a comportar-se de forma virtuosa, adequada (moralmente), mesmo sendo necessário privar-se, temporariamente ou não, de seus interesses e prazeres/desejos, chega-se ao estudo da ética. Estudar o agir, o pensar e o formar-se do homem, implica necessariamente na investigação da ética.

As virtudes são disposições não só de agir de determinadas maneiras, mas também de pensar de determinadas maneiras. Agir virtuosamente [...] é agir com base na inclinação formada pelo cultivo das virtudes. A educação moral é uma *éducation sentimentale*. [...] uma qualidade humana adquirida, cuja posse e exercício costuma nos capacitar a alcançar aqueles bens que são internos às práticas e cuja ausência nos impede, efetivamente, de alcançá-los (MACINTYRE, 2001, p. 255-321).

Segundo o mesmo autor, a noção de virtude está ligada à vida social, histórica, ao sujeito como um todo, integral, inserido em seu meio e com suas experiências particulares de vida e ao mesmo tempo integrado à vida e às experiências dos outros. Considerado como um sujeito formado com estreito vínculo com a *polis*, com a sua comunidade, um homem que possui identidade social e também animal, corporal.

O justo meio deve ser compreendido de maneira subjetiva, no sentido do que é ideal a cada situação, para cada sujeito, logo, a virtude (o jeito certo de agir) pode não ser exatamente a mesma em todos os momentos.

Quando a razão decide agir em uma mediana, entre dois vícios, temos uma ação virtuosa, um comportamento ético; quando o sujeito não é dirigido por seus impulsos, mas diante deles faz uso da racionalidade e decide pelo justo meio, o homem virtuoso então tem a vida feliz, pois atinge o propósito maior da humanidade, a excelência do uso da razão; age e vive, segundo sua racionalidade, o que nem sempre é fácil.

Para Zingano (2009, p. 156),

[...] se a virtude é uma disposição, a disposição é ela própria nosso comportamento bom ou mau com relação às emoções, o que reintroduz as emoções nos corações mesmo do agir virtuoso, a virtude não é uma emoção, mas não ocorre sem emoções, dado que é uma disposição é um comportamento estável com relação às emoções. A virtude é então definida como sendo uma justa medida ou mediedade entre dois extremos, a falta e o excesso que caracterizam os vícios a serem evitados. (ZINGANO, 2009, p. 156)

Na ética das virtudes, mesmo as paixões (raiva, medo, prazer ou dor) são vividas. Não há falta, ausência delas e tão pouco seu excesso, mas

busca-se pela vivência moderada. O ser humano escolhe por comportar-se em uma mediana, uma justa medida encontrada pelo uso da razão.

O homem virtuoso não deve procurar extirpar suas emoções, como se a virtude fosse uma ausência de emoções, uma *apathéia*, como queriam os estoicos, mas ao contrário, tomando-as como elementos indispensáveis da vida humana, ele deve buscar sua justa medida, graças a qual a ação será adequada e verdadeira do ponto de vista moral ao mesmo tempo em que fica ancorada nas emoções e paixões do agente (ZINGANO, 2009, p. 143).

Virtuoso é aquele que tem livre escolha em seu agir; para ele não há inclinações determinantes, mas há prudência sobre o que é bom e que envolve a si mesmo e a todos ou outros. A princípio os atos virtuosos são repetidos sem um conhecimento reflexivo, entretanto, conforme avança o processo educativo surge a escolha de atitudes boas a partir de seu caráter com a real intenção de realizá-las.

Compreende-se que no mundo sensível das paixões sem luz (sem razão), sem visão, não apresenta possibilidade de conduzir bem a vontade no momento da decisão.

Mas a exaltação da razão em detrimento das paixões pode ser tão inadequada quanto seu oposto. Fique claro que não há defesa da renúncia, em sacrificar, da busca pela aniquilação das paixões, como se isso fosse possível. Não nos referimos à razão extinguindo as paixões, mas sim “pensar a formação de um ser virtuoso a partir das paixões que o constitui” (CARVALHO, 2012, p. 203); é pensar a ética a partir do homem completo, inclusive sobre as suas questões até então excluídas e consideradas negativas.

A virtude é o usar o que está sob o poder do sujeito, a razão, para cuidar, conter ou decidir sobre o que não está, a paixão.

Aos apetites nos referimos à satisfação irracional do corpo, aos prazeres dos alimentos ou sexo; seu oposto é a função que também se preocupa com a segurança deste corpo, por fim, há uma parte racional que busca o equilíbrio:

a sua tarefa ética é dominar e impor a medida e a proporção. Assim, a alma será virtuosa se a parte racional for mais forte e mais dominadora do que as outras duas e se não sucumbir aos apelos do apetite e da cólera, isto é, se não ceder aos apelos irracionais das paixões (CARVALHO, 2012, p. 205).

As paixões cumprem o positivo papel de conduzir ao movimento, à ação, sem elas haveria estagnação, é a energia patente que leva o sujeito à busca, às conquistas; graças às paixões o sujeito sai do estado de inércia, caminhando com coragem, ou seja, dependemos das paixões. É importante que sejamos apaixonados para sermos humanos em toda sua complexidade, um elemento fundamental na formação dos valores éticos e na constituição das ações humanas, sendo assim, é tarefa da ética:

[...] educar nossos desejos para que não se torne vício e colabore com a ação feita por meio da virtude. Em outras palavras, Aristóteles não expulsa a afetividade, mas busca os meios pelos quais o desejo passional se torne desejo virtuoso (CHAUI, 2011, p. 444).

Diferentemente da negação, da aniquilação dos desejos; isso seria extrair a própria humanidade. A pessoa virtuosa segue o modelo

aristotélico, sabe agir de modo conveniente, harmonioso com as paixões, não as considera como obstáculos, mas aspectos importantes na constituição da vida ética, são oportunidades de alcançar a virtude.

as paixões são elementos essenciais para a edificação do sujeito virtuoso, cabendo a nós, homens, nos responsabilizarmos pela educação destas tendências que estão implantadas em nossa natureza, isto é, somos responsáveis pelo mau uso que delas podemos fazer. Essa educação, porém, não é uma simples repressão dos desejos insaciáveis e que quer se alimentar de tudo, mas, deve considerar o *pathos* como algo em consonância com o *logos*, em que o papel deste consiste exatamente em escolher os fins e proporcionar os meios. A virtude é o resultado do exercício da razão no homem. (CARVALHO, 2012, p. 204).

A busca de um equilíbrio entre *logos* e *pathos* para a moral aristotélica, para a ética das virtudes, é que leva à vida ética. Não há virtude na ausência das paixões, ao contrário, é na justa medida que se faz delas, é a mediania do *pathos* vivenciada nas circunstâncias da vida prática, cotidiana, experiência esta que se dá de maneira cada vez mais excelente com o bom uso da razão; neste momento, quando razão e paixão estão juntas é que se constitui a vida feliz, na qual cada um destes fatores essenciais à constituição do humano exerce bem suas funções. A paixão, essencial para a formação do sujeito moral e a razão prática, tem como função dirigir adequadamente as paixões de forma moderada.

A ética das virtudes entende que não há ética sem paixão. Paixões são ponto de partida para ética aristotélica, já que é no controle das paixões que se tem a virtude, nem na extirpação das paixões nem na sua absoluta liberdade sem direção. Para a ética das virtudes a paixão não é condenável, não é fonte de confusão ou erro se estiver sob o controle da razão. As paixões provêm da parte não racional da alma e estão presentes em todo o

tempo no homem, a grande questão é se estarão subordinadas à razão ou não. Para a ética das virtudes, ser virtuoso é viver as paixões de maneira equilibrada, é reconhecer o quão humano somos.

A Escola

Formar para a excelência parece algo grandioso e complexo, entretanto, a partir do momento em que decide pela educação e em que se escolhe a escola, é assumida a responsabilidade; lugar em que o ensinar e o aprender estão inseridos, independentemente de sua posição na hierarquia das relações.

Em matéria intelectual, o lugar da formação seria o ensino, em matéria moral a aptidão para a virtude decorreria da força do hábito, da prática e, portanto, da ação social. Aristóteles não descarta, porém, o lugar da natureza na obtenção dos dons humanos, em tudo o que se revela expressão dos sentidos, o homem adquire a potência, a qual será a seu tempo, exterioriza em ato. Assim a visão e audição são potenciais do recém-nascido mesmo que este ainda não se valha plenamente dos sentidos são potenciais que, a seu tempo e progressivamente, serão atualizados na ação. No tocante a virtude, sucederia outro movimento: é pelo exercício que se adquire a prática do bem, ao praticar a justiça tornamo-nos justos (BOTO, 2001, p. 126).

Há uma grande dimensão pedagógica na ética, já que, como visto, a virtude moral vem pelo hábito e a constância do hábito requer educação, prática na vida social. “[...]tornamo-nos justos praticando atos justos, e assim com a temperança, a bravura, etc.” (ARISTÓTELES, 1991, Livro II, 1).

Logo, é através da vida prática com outros homens que se torna virtuoso, a qualidade das atividades vivenciadas repetidamente, dos atos praticados, que conduzirão o homem a ser ético ou não.

A ética, diferente dos movimentos que levam as potencialidades intelectuais a se manifestarem, só se manifesta na esfera coletiva. O ato ético se dá na relação com os outros, repetidas situações que vão levando o homem ao uso da razão, não pela disposição do intelecto, mas na vida.

É acertado, pois, dizer que pela prática de atos justos se gera o homem justo, e pela prática de atos temperantes, o homem temperante; sem essa prática, ninguém teria sequer a possibilidade de tornar-se bom. Mas a maioria das pessoas não procede assim. Refugiam-se na teoria e pensam que estão sendo filósofos e se tornarão bons dessa maneira. Nisto se portam, de certo modo, como enfermos que escutassem atentamente os seus médicos, mas não fizessem nada do que estes lhes prescrevessem (ARISTÓTELES, 2011, p. 04).

O que se percebe ao estudar a escola, e ao observar sua rotina, é que termos como ética, cidadania, sujeito social, e frases relacionadas aos mesmos, estão beirando o senso comum. São excessivamente usados nos discursos e nos documentos, podem estar levando ao enfraquecimento do bom entendimento a respeito do que é Educação Ética e o que é a formação.

A ação educativa é um processo regular desenvolvido em todas as sociedades humanas que tem por objetivo preparar os indivíduos em crescimento (crianças e adolescentes) para assumirem papéis sociais relacionados à vida coletiva, à reprodução das condições de existência (trabalho), ao comportamento justo na vida pública e ao uso adequado e responsável de conhecimento e habilidades disponíveis no tempo e

nos espaços onde a vida dos indivíduos se realizarem (OLIVEIRA, 2011, p. 235).

Caso termos como ética ou formação humana e cidadã estejam apenas preenchendo os documentos e os projetos sejam pensados com o objetivo primeiro do evidenciar um trabalho exigido pelo sistema educacional, e não o da formação humana efetivamente, então há uma completa deturpação em seu uso.

O fim da educação escolar hoje, da ação educativa, a preparação dos indivíduos para a humanidade, só pode ser compreendido na vida social. Mas o que significa tudo isso afinal? O desenvolvimento de competências e habilidades para o mercado, o acesso inteligente às tecnologias, as heranças históricas e culturais, a arte e a política? Enfim, o que é ser virtuoso hoje? O que é ser um homem cuja função se exerce com excelência? E mais, haverá na escola possibilidades para formar este homem?

A função de formação traz para a escola um novo desafio, uma nova discussão, a saber, o que é ou não possível a escola quando recebe um aluno que até então pouco exercitou o hábito da virtude ou poucos cuidados adequados recebeu, nestes casos, quais as possibilidades da escola contribuir para a formação virtuosa, para a educação ética e escolhas políticas e racionalmente adequadas?

Sem resistência, sem disciplina, sem o limite do gozo das paixões não há formação virtuosa. Há necessidade da contenção externa das forças passionais para que chegue o momento em que, através do bom uso da racionalidade, o homem possa agir com equilíbrio e a disposição e a liberdade para isso vêm pela disciplina. A crítica aqui não é pela ausência de instrução pela instrução, mas o pesar está sobre a falta grave do mestre,

do educador que conduz para a virtude para o saber, não com arbitrariedade, mas com segurança, com gestos de afeição que trazem conforto e segurança, de um educador que apresente a seu discípulo a humanidade, para a ética.

Talvez a escola não seja capaz de fazer com que o homem alcance plenamente a finalidade de sua existência, não seja capaz de formar o homem virtuoso, não só ela, não de todos os que passam por ela, ou ao menos no tempo em que permanecem nela, pois o homem, em sua formação tão grandiosa, com suas multiplicidades, não “cabe” em tempo e espaço tão definidos assim; não há como responsabilizar a escola sozinha, única, pelo alcance deste resultado, deste propósito, que é formar o homem virtuoso.

Sem dúvidas, são muitas as experiências na escola hoje que auxiliam na formação do homem em sua excelência, que trabalham para uma sociedade cosmopolita, para o bem comum.

A contínua reflexão sobre a escola é essencial para o contínuo avançar, para a busca da excelência nos trabalhos. É importante para o avanço da educação, que ela continue sendo estudada, planejada e não apenas vivida mecanicamente, mas que seja raciocinada para que, conforme Kant (2006, p. 22), possa ser um esforço coerente, sem que haja o risco de destruímos tudo o que já foi edificado. Não é suficiente aprender as práticas e repeti-las, mas é preciso continuar pensando sobre elas.

A margem de atuação da educação tem suas limitações. A formação é um processo da vida toda e de muitos agentes. Neste processo é possível que o aluno viva momentos viciosos e cabe à escola entender este processo de construção de caráter e recebê-lo; é importante que a escola compreenda o caminho que a razão faz até que alcance a mediana das paixões; cabe a

escola não desistir, não rotular, auxiliar para que ações cada vez mais virtuosas sejam possíveis em próximas experiências. Em um exercício constante para a vida toda, uma saudável e moderada interação entre razão e paixão, para o viver bem.

A transformação do sujeito em um sujeito de fato racional, o fato de capacitá-lo para ação moral, é o fim último que a educação deve buscar. A escola deve ser espaço para que o aluno possa

desenvolver a capacidade de avaliar, modificar ou excluir seus próprios juízos práticos e perguntar a si mesmo se as razões para agir são realmente boas razões; desenvolver a capacidade de imaginar futuros alternativos possíveis, de modo que possa escolher racionalmente entre eles e, adquirir a capacidade de distanciar-se dos seus desejos para perguntar-se racionalmente sobre o que é necessário para buscar o bem e assim ou orientar ou reeducar seus desejos para alcançar o bem (GONÇALVES, 2012, p. 88)

É complexa essa formação. Não se trata de fabricação, não depende só do educador ou da escola, mas, é a escola um importante responsável pela educação moral. Marques (2006) lembra que, na formação do caráter moral, da virtude, é essencial a metodologia que gire em torno de estratégias como a exortação, o exemplo e o envolvimento. É que o professor deve considerar o uso do próprio conteúdo para desenvolver o raciocínio moral; o estímulo à cooperação; o desenvolvimento de responsabilidades; a superação do conflito sem violência e a promoção da ética do cuidar. Não é aconselhável que os valores éticos estejam em uma disciplina específica, que haja a penas um professor ensinando ética, mas que este aprendizado percorra todo o currículo, de maneira transversal. A

ética é questão de toda a vida e está presente em todos os espaços, não é possível isolá-la.

O ambiente da escola é determinante para o desenvolvimento moral do aluno e um dos principais instrumentos é o código de conduta escolar. São as autoridades escolares e os professores os responsáveis pela elaboração, operação e implementação do código de conduta, o qual torna uma opção clara pelo esforço da autoridade do professor, reconhece a importância da linguagem moral e do hábito no processo de desenvolvimento moral. Lickona (1991) considera que existem três componentes no bom caráter: o conhecimento moral, o sentimento moral e a ação moral. O conhecimento exige reflexão, compreensão, formação de juízo moral e processo de escolha. O sentimento exige auto estima, empatia, afecto e saber colocar-se no lugar do outro. A ação exige vontade e hábito, são assim estas as dimensões fundamentais de qualquer programa de desenvolvimento moral preocupado, não apenas com o desenvolvimento do raciocínio, mas, sobretudo com o desenvolvimento do caráter ou da ação moral (MARQUES, 2006, p. 7-8).

Educar requer clareza dos direitos do outro e a importância dos deveres. Há necessidade de mestres bem formados, o trabalho do educador exige a formação virtuosa, ética, exige um cidadão virtuoso. A formação ética necessita de ações éticas do professor, de professores bem formados. Sem dúvida que para isso políticas públicas que viabilizem a formação continuada dos professores são essenciais assim como olhar sobre o currículo dos cursos de licenciatura.

[...] ao longo de nossas vidas somos atravessados e experimentamos modos de existir que não se reduzem ou não podem ser compreendidos em uma única configuração, pois somos seres em constante

configuração e movimento. A condição humana, isto é, as características que nos distinguem dos outros seres vivos podem ser vistas como marcadas por atividades, ideias, anseios e gestos que se modificam, se contradizem, se unificam e são ultrapassados, o que sugere nosso caráter finito, incompleto e sempre aberto”. (CARVALHO, 2016, p. 209)

Logo, práticas pedagógicas como respeito, liberdade e possibilidades de diálogos são o que contribuem com a formação virtuosa da humanidade; uma escola que tenha em suas ações mais do que o ensino instrumentalizado, mas que nelas caibam formação, valores, resolução de conflitos humanos e a cultura; é esta escola que pode viver a experiência de observar (trans) formações em seus alunos.

Na educação escolar não se deve excluir nenhum aspecto da condição humana, é necessário trabalhar paixões, pulsões, os desejos do corpo, o intelectual, o racional, enfim, o todo humano. A escola deve oportunizar condições, espaços e lugares, vivências e reflexões sobre os mais diversos aspectos da condição humana. Logo, o arbitrário não cabe e também não se fala em libertinagem, mas, um meio termo que possibilite o surgir, o manifestar das diversas identidades e que transmita segurança, algum nível de contenção necessária e o apoio, o acolhimento que lhe são importantes; um justo meio em que figuras, exemplos e virtuosidade, atores éticos, possam surgir.

Experiências saudáveis de relações entre as pessoas devem acontecer também na escola. Em alguns casos, por conta dos mais diversos fatores vividos, as primeiras experiências com presença de liberdade, justiça, tolerância ou qualquer virtude que leve ao desenvolvimento do homem ético em um ambiente democrático acontece na escola, ao menos deveria ser assim.

Um meio (ideal) em que todos possam ter voz sem a exigência de que o outro viva igual, apresente as mesmas verdades, ideias ou atitudes, lugar em que se expõe os diferentes modos de vida, os diferentes códigos e que possa levar o outro a enxergar diferentes formas de viver, que permita outros olhares, sem arbitrariedade. É o exercício da liberdade de ser e a liberdade de olhar de cada um; a possibilidade de dizer de modo franco o que se é assumir, se expor, sem o discurso descolado do modo de vida. A escola deve buscar condições para que as diferenças se aproximem, possibilidades de encontros proporcionados pela própria vida.

A escola, ainda segundo Biesta (2013) deve assegurar que estudantes encontrem espaços para sua voz e se relacionem com o diferente, experiências, que mesmo de conflitos, levem à maturidade.

[...] nós como professores e educadores, devemos estar cientes de que rompe a operação tranquila da comunidade racional não é necessariamente um distúrbio do processo educacional, poderia até ser o ponto em que os estudantes começam a encontrar sua própria voz responsiva e responsável (BIESTA, 2013, p. 98).

É necessário que nas práticas da escola o exercício do poder seja substituído por virtudes como a justiça e a temperança: “O homem deve ser educado e formado para ser, antes de tudo e, sobretudo, um cidadão e que a política é a verdadeira e suprema *paideia*, definidora da *areté*, da virtude, da excelência moral e intelectual.” (CARVALHO, 2010, p. 214).

O meio através do qual é possível formar sujeitos virtuosos é o agir virtuoso, a ação ética. É exercendo a docência com ética, com atitudes em que há virtude que se educa a humanidade para o bem comum, para decisões equilibradas.

A proposta é esta, contribuir, através de mais um trabalho para que a escola continue revendo seus caminhos, refletindo sobre suas práticas e que teorias já conhecidas possam modificar ações há tempos repetidas; a formação pode ser um trabalho longo e incômodo.

A escola não é o único, mas um importante lugar para se aprender ética, para que aconteça a formação e transformação virtuosa da humanidade, para que em contato com os excessos caminhemos (alunos e educadores) para a prudência, a justiça, a amizade, a compreensão, a tolerância, o amor ao próximo.

Este trabalho não pretende apresentar métodos para o ensino da formação do sujeito virtuoso na escola. O termo método sugere assertividade, precisão e agilidade para alcançar resultados, e a formação ética não cabe em prazos determinados, o resultado do processo de formação ética pode aparecer em um tempo além da escola, posterior a ela logo, sem condições de registro.

Não se trata da definição de métodos a serem executados por educadores, mas, do pensar sobre a formação na escola, sobre que aspectos da formação do homem podem acontecer no ambiente escolar e em meio às relações que se estabelecem ali.

[...] qualquer tentativa de transformar a educação em uma técnica, qualquer tentativa de concebê-la em termos de instrumentalidade, representa uma ameaça a própria possibilidade de tornar-se alguém por meio da educação... transformar a educação em uma técnica requer a eliminação da pluralidade, diversidade e diferença. Requer uma eliminação, em outras palavras, do que torna a educação difícil (BIESTA, 2013, p. 127).

As condições ou atitudes nas quais a ética se apresenta na escola são aquelas em que a responsabilidade com o diferente e o plural são mais importantes do que o conhecimento, é quando o humano recebe mais atenção do que o tecnológico. O mundo contemporâneo ameaça atitudes éticas na escola, ele reproduz um sujeito, um consumidor, internaliza nas pessoas uma posição padronizada, ameaça diferentes maneiras de ser e diferentes modos de vida. Ao contrário dessa posição, a responsabilidade da escola é a educação ética, a condução para a formação de identidades que convivam e se relacionem bem.

A maneira de educar para a ética, de auxiliar na formação virtuosa é por meio da participação na vida, o que não se limita aos muros da escola, mas é este um lugar importante. Só a experiência desenvolve o caráter virtuoso, formamos hábitos e pensamentos reflexivos no ambiente social, é através da interação que somos formados e transformados.

Experiências que formam pessoas éticas acontecem também na rua, em casa, na internet e nas redes sociais, de fato de não se limitam à escola, quando a escola é vista como instrumento de produção, fabricação de produtos, com uma concepção instrumentalista ou como aquela capaz de arcar com toda a responsabilidade da formação.

Segundo Gélamo (2010), a ideia sobre o que somos tem sido associada ao saber, reduzindo a função da escola, com isso o papel do professor tem se limitado ao método de ensinar bem, do bem explicar, do fazer conhecer o já reproduzido, a argumentação e a repetição; distanciando-se de questões voltadas à reflexão e a formação humana, fica empobrecida, limitada, longe de dimensões éticas. É possível à escola um ambiente cujas experiências contribuam para o pensar sobre a vida, sobre as escolhas e mesmo assim aperfeiçoar a transmissão e construção do conhecimento; este é o ideal, e que deve ser a busca, um exercício que traz consigo reais dificuldades, já que a escola também vive uma crise de

subjetividade. Lazzarato (2014, p. 53) aponta que: "um mundo maquinocêntrico, que impede a exposição dos discursos e processos de subjetivação autênticos, singulares, heterogêneos, meio este que não oferece a possibilidade de mudança".

A escola se propõe a trabalhar, a agir, a estudar processos, a umas práxis, estando em movimento; a reflexão sobre o que se está vivendo, sentindo, e experienciando; o refletir sobre as práticas da escola enquanto o fazer se dá, sobre o meio, estando nele inserido; a pensar sobre as melhores formas de relação na escola, vivendo as experiências como atores desses encontros. Assim, propomos compreender a formação humana estando ainda caminhando, ainda em formação, um desafio e ao mesmo tempo a via necessária para a escola hoje.

A escola é campo para encontros com o diferente, para exercícios de escolhas e experiências com o coletivo, com a *pólis*; na escola há espaços para diálogos, para o estranhamento e identificações, um espaço público para a formação de identidades; por tudo isso é importante que as paixões sejam vivenciadas e o uso da razão deve ser desenvolvido.

A condição do sujeito como aquele que deve ser educado é uma condição clara, e é evidente a necessidade do outro para sua formação, para o pleno uso de sua razão e para o exercício da ética. A função humana é o uso de sua razão, uma condição que o faz diferente de todos os outros seres da natureza.

Considerações Finais

A partir das considerações apresentadas é possível compreender a escola como instituição que realiza muito além do ensino lógico-

matemático e da língua. Conteúdos curriculares e metodologias são atravessados por experiências de aprendizagens que auxiliam o sujeito em sua formação ética. Virtudes são desenvolvidas na escola e há espaço para o humano além do tecnicista, do mercado de trabalho ou dos mais diversos *rankings*.

Uma instituição educacional; seja infantil ou não, pública ou privada; é fundada social e historicamente, traz todas as questões apresentadas em seu tempo, é ordenada em sua relação escola/mundo, é viva e forma ao mesmo tempo em que é formada, em um movimento contínuo.

É certo que o conhecimento sobre a formação humana tem contribuições de outros campos de pesquisa, como da medicina, da psicanálise, da neurociência e tantas outras. E diante de tudo o que pode haver, o trabalho se fez pequeno e deixa a cada leitura necessária ao seu desenvolvimento, o desejo de ir além e a sensação de infinitude do tema.

Há uma grande responsabilidade na ação educativa e não se pode negligenciá-la. Ao educador não cabe à omissão nem a ignorância sobre a complexidade da escola, do ser humano e de tudo que pode surgir da relação entre estes elementos vivos e ativos.

Uma escola comprometida com a formação tem o cuidado, o compromisso, com a relação humana e as experiências existenciais que nela residem; são singularidades e individualidades, o coletivo e o individual, são as diferenças convivendo e sendo eticamente respeitadas. Para formação do sujeito virtuoso na escola é importante a presença de educadores que assumam em suas tarefas e em suas ações pedagógicas, um modo virtuoso, oposto ao tirano e ao autoritário, que se apresentem com posturas éticas, como desejo pelo bem, que possuam a fraternidade e que gostem da humanidade; o que exige tanto disposição pessoal como boas

condições de formação para esses profissionais que envolvem condições de trabalho, estrutura e recursos mais diversos e políticas públicas que ofereçam-lhes condições de formação

Referências

ALVES, M. A. Ética e educação: caráter virtuoso e vida feliz em Aristóteles. **Acta Scientiarum**, Maringá. v.36, n. 1, p. 93-104, jan/jun, 2014.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. São Paulo: Nova Cultural, 1991, v. 2.

BOTO, C. Ética e educação clássica: virtude e felicidade no justo meio. *Educação e Sociedade*, v. 22, n.76, p. 121-146. out/2001.

BIESTA, G. **Para além da aprendizagem**: educação democrática para um futuro humano. Belo Horizonte: autêntica, 2013.

CARVALHO, A. B. Desencantamento do mundo e ética na ação pedagógica: reflexões a partir de Max Weber. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 36, n. 2, p. 585-59, mai/ago, 2010.

CARVALHO, A. B. Razão e paixão: necessidade e contingência na construção da vida ética. **Conjecturas**, v.17, n.1, p. 199-217, jan. /abr. 2012.

CARVALHO, A. B. **A relação professor e aluno**: paixão, ética e amizade na sala de aula. Curitiba: Appris. 2016.

CHAUI, M. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2010.

GELAMO, R.P. Sujeição e resistência: notas sobre o processo de subjetivação no ensino da filosofia na contemporaneidade. *In*: PAGNI, P. A; *et al.* (Org.) **Experiência, Educação e Contemporaneidade**. Marília: Cultura Acadêmica, 2010

HOOFT, S. V. **Ética da virtude**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

KANT, I. **Sobre a Pedagogia**. Tradução: Francisco CockFontanella. Piracicaba, SP: Ed. Unimep, 2006.

LAZZARATO, M. **Signos, máquinas, subjetividades**. São Paulo: Edições Sesc, 2014.

LEBRUN, G. O conceito de paixão. *In*: NOVAES, A. (Org.). **Os sentidos da paixão**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 17-34.

MACINTYRE, A. **Depois da virtude**: um estudo em teoria moral. Bauru: EDUSC, 2001.

MARQUES, R. Ética da virtude e desenvolvimento moral do aluno. *In*: **Simpósio Internacional sobre Ativação do Desenvolvimento Psicológico**. Portugal, 2006. Disponível em: <https://goo.gl/f6S4zJ>. Acesso em: 01 mar. 2017.

OLIVEIRA, R. F, F. Ética do bem e ética do dever. **O que nos faz pensar**. n.28, p. 247-265, dez, 2010.

ZIGANO, M. **Estudo de ética antiga**. 2ª ed. São Paulo: Paulus, 2009.